



EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)





EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrááo Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Secconal Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Epistemologia e metodologia da pesquisa interdisciplinar em ciências humanas

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Kimberly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E64 Epistemologia e metodologia da pesquisa interdisciplinar em ciências humanas / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-695-9

DOI 10.22533/at.ed.959210601

1. Epistemologia. 2. Metodologia. 3. Pesquisa. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 120

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A Coleção *Epistemologia e Metodologia da Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas* se baseia na premissa da conjunção de saberes para a promoção de novas discussões no meio científico, a partir da convergência entre esses diferentes saberes. Movimento esse que surge como oposição à ideia de hiper-especialização.

Nesse caminho podemos estabelecer ao menos quatro formas nas quais acontecem essas interações: multidisciplinar, pluridisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar.

A diferenciação entre elas se define de acordo com critérios que vão desde o intercâmbio de teorias e metodologias até a construção de uma nova forma de ver um determinado objeto.

Desse modo, é possível definir da seguinte maneira:

- Multidisciplinaridade – Sistema de um nível, não integrado, de várias disciplinas que atuam cada qual em proveito próprio, na qual não ocorre interação direta entre as mesmas.

- Pluridisciplinaridade – Sistema de um nível, não integrado, de várias disciplinas que ajudam complementarmente, mas sem alterar teórico ou metodologicamente uma a outra.

- Interdisciplinaridade – Sistema de dois níveis, no qual duas ou mais disciplinas interagem fortalecendo aquela considerada como estando em um nível superior, ou então colaborando para a construção de um novo saber.

- Transdisciplinaridade – A construção de um sistema total onde duas ou variadas disciplinas contribuem para uma determinada pesquisa sem que um saber seja necessariamente validado pelo outro.

Diante dessa perspectiva inter e transdisciplinar esse volume conta com 21 capítulos abordando diversos assuntos como: as configurações de gênero, as configurações raciais, os processos de formação docente, de identidade, relações entre comunicação e antropologia, questões de desenvolvimento urbano, preservação de patrimônio cultural e aspectos da aprendizagem pela tecnologia.

Espero que algumas dessas convergências se mostrem como possibilidades discursivas para novos trabalhos e novos olhares sobre os objetos humanos.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A POTÊNCIA PEDAGÓGICA DA ÓPERA-ROCK “PAJUBÁ” DE LINN DA QUEBRADA

Paulo Henrique de Oliveira Barroso

DOI 10.22533/at.ed.9592106011

CAPÍTULO 2..... 19

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DO GÊNERO BIOGRÁFICO E DA PESQUISA DOCUMENTAL COMO FORMAS DE PESQUISA DO GÊNERO FEMININO

Karina Regalio Campagnoli

DOI 10.22533/at.ed.9592106012

CAPÍTULO 3..... 30

MARIA PAES DE BARROS: MEMÓRIAS DE OMISSÃO EM TEMPOS DE LUTA PELA EMANCIPAÇÃO

Eveline Viterbo Gomes

DOI 10.22533/at.ed.9592106013

CAPÍTULO 4..... 40

FEMINIZAÇÃO E FEMINILIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR: UM OLHAR VOLTADO PARA A LITERATURA

Danielly Jardim Milano

Kátia dos Santos Pereira

Patrícia Rodrigues Chaves da Cunha

Raquel Peres Macêdo

DOI 10.22533/at.ed.9592106014

CAPÍTULO 5..... 50

FEMINILIDADES NEGRAS: UM ESTUDO DE RELAÇÕES ESPACIAIS PARADOXAIS

Louise da Silveira

Benhur Pinós a Costa

DOI 10.22533/at.ed.9592106015

CAPÍTULO 6..... 70

MITOS PÓS-MODERNOS NOS DISCURSOS SOBRE RESSIGNIFICAÇÃO CULTURAL: O CASO DO JONGO CIGANO

Rafael Romano

DOI 10.22533/at.ed.9592106016

CAPÍTULO 7..... 83

CONSTRUÇÃO E FORMAÇÃO: AUTOACEITAÇÃO E REFLEXÕES SOBRE RAÇA NAS TRAJETÓRIAS DE UMA ESTAGIÁRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Thays Souza da Costa

DOI 10.22533/at.ed.9592106017

CAPÍTULO 8	93
ESCRITA DE SI E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE: EXPERIÊNCIA COM ATELIÊ BIOGRÁFICO DE PROJETO	
Maria Márcia Melo de Castro Martins	
Maria Leani Dantas Freitas	
Nívea da Silva Pereira	
Francione Charapa Alves	
DOI 10.22533/at.ed.9592106018	
CAPÍTULO 9	103
UM APANHADO SOBRE A PRESENÇA DA INTERDISCIPLINARIDADE EM DOCUMENTOS OFICIAIS A PARTIR DA LDBEB 9394/96 até 2016	
Neslei Noguez Nogueira	
Denise Nascimento Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.9592106019	
CAPÍTULO 10	113
APONTAMENTOS SOBRE COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS À DOCÊNCIA	
Antonia Zulmira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.95921060110	
CAPÍTULO 11	125
ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE INTELIGÊNCIA EM ESCOLARES DE MATO GROSSO	
Ana Julia Candida Ferreira	
Cleiton Marino Santana	
Widson Marçal Ferreira	
Adriano Mendonça de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.95921060111	
CAPÍTULO 12	133
A PRIMEIRA YESHIVÁ DO BRASIL – UM OLHAR SOBRE AS MEMÓRIAS E SABERES DOS MESTRES DE UMA HISTÓRIA	
Vanessa dos Santos Novais	
DOI 10.22533/at.ed.95921060112	
CAPÍTULO 13	144
ZAQUEU (Lc. 19, 1-10) UM EXEMPLO A SER SEGUIDO PELOS CORRUPOTOS ARREPENDIDOS	
José Carlos Dalmas	
Vicente Artuso	
DOI 10.22533/at.ed.95921060113	
CAPÍTULO 14	155
O QUE LATOUR TERIA A CONTRIBUIR PARA OS ESTUDOS EM COMUNICAÇÃO?	
Tarcísio de Sá Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.95921060114	

CAPÍTULO 15.....	173
APROXIMAÇÕES ENTRE PERSPECTIVAS ANTROPOLÓGICAS E DOS ESTUDOS CULTURAIS NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO	
Roberta Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.95921060115	
CAPÍTULO 16.....	186
O DISCURSO PUBLICITÁRIO COMO OBJETO DE ANÁLISE NO CONTEXTO DE PUBLICAÇÃO DA LEI ORGÂNICA DA SAÚDE	
Náthaly Zanoni Luza	
Eliane Cadoná	
DOI 10.22533/at.ed.95921060116	
CAPÍTULO 17.....	196
OS OBJETIVOS ESSENCIAIS DA SAÚDE PÚBLICA E O RECONHECIMENTO DOS DIREITOS DE PROPRIEDADE INTELECTUAL DE MEDICAMENTOS	
Maria Paula da Rosa Ferreira	
Isabel Christine Silva de Gregori	
DOI 10.22533/at.ed.95921060117	
CAPÍTULO 18.....	209
NÍGER: LOS DESAFÍOS DEL PAÍS CON EL MÁS BAJO IDH DEL MUNDO	
Rafael Aguirre Unceta	
DOI 10.22533/at.ed.95921060118	
CAPÍTULO 19.....	225
AGENDA PARA EL DESARROLLO MUNICIPAL: UN INSTRUMENTO DE EVALUACIÓN PARA LOS GOBIERNOS MUNICIPALES EN MÉXICO	
María Del Rosario Hernández Fonseca	
Hugo Isaías Molina Montalvo	
Rosa María Rodríguez Limón	
DOI 10.22533/at.ed.95921060119	
CAPÍTULO 20.....	231
INSTRUMENTOS LEGAIS DE PRESERVAÇÃO E EXPANSÃO IMOBILIÁRIA: A CONTRIBUIÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL NO CONTEXTO URBANO NO LITORAL NORTE DE MACEIÓ, ALAGOAS, BRASIL	
Adriana Guimarães Duarte	
Josemary Omena Passos Ferrare	
DOI 10.22533/at.ed.95921060120	
CAPÍTULO 21.....	247
VALIDAÇÃO AMOSTRAL DE UMA FERRAMENTA METODOLÓGICA PARA ANALISAR OS NÍVEIS DE HABILIDADES RELACIONADOS À APRENDIZAGEM DE CONCEITOS ABSTRATOS DE LÓGICA DE PROGRAMAÇÃO	
Fernanda Regebe	
Amanda Amantes	
DOI 10.22533/at.ed.95921060121	

SOBRE O ORGANIZADOR.....	257
ÍNDICE REMISSIVO.....	258

CAPÍTULO 15

APROXIMAÇÕES ENTRE PERSPECTIVAS ANTROPOLÓGICAS E DOS ESTUDOS CULTURAIS NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO

Data de aceite: 04/01/2021

Data de submissão: 24/09/2020

Roberta Brandalise

Faculdade Cásper Líbero
São Paulo, SP

<http://orcid.org/0000-0001-7115-8372>

RESUMO: Ao longo de uma década realizando pesquisas de campo acerca das apropriações e usos que povos latino-americanos fazem da televisão brasileira em regiões de fronteira, acabamos por identificar a necessidade de concretizar nosso trabalho na confluência de perspectivas teóricas dos Estudos Culturais e da Antropologia. Nesse processo, passamos a levantar as contribuições da Antropologia para o campo da Comunicação. Identificamos aproximações teórico-metodológicas entre a abordagem antropológica e a abordagem dos Estudos Culturais acerca do objeto da Comunicação. Estudamos as obras dos teóricos culturais Williams; Hall; Morley; Canclini e Martín-Barbero e dos antropólogos Lévi-Strauss; Geertz; Siegel, Vogt e Watson; Bohannan; Durham; Couceiro, Velho e Viveiros de Castro. Entre outros aspectos, apuramos como chave para os estudos de recepção e consumo dos meios de comunicação o conceito de cultura contemporâneo, que propõe a ruptura com as noções de cultura de elite, cultura popular e cultura de massa, e as concepções de assimilacionismo, hibridismo e multiculturalismo – quando operacionalizados à luz do diálogo

entre Antropologia e Estudos Culturais. E, sobretudo, identificamos que as semelhanças entre essas abordagens se caracterizam pela integração de fatores sociais macro e micro nas análises dos processos de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação, Antropologia, Estudos Culturais, Consumo Cultural, Recepção.

APPROACHES BETWEEN ANTHROPOLOGICAL PERSPECTIVES AND CULTURAL STUDIES IN THE FIELD OF COMMUNICATION

ABSTRACT: Over a decade of conducting field research on the appropriations and uses that Latin American people make of Brazilian television in border regions, we ended up identifying the need to carry out our work at the confluence of theoretical perspectives from Cultural Studies and Anthropology. In this process, we started to raise the contributions of Anthropology to the field of Communication. We identified theoretical-methodological approaches between the anthropological approach and the approach of Cultural Studies about the object of Communication. We study the works of Williams cultural theorists; Hall; Morley; Canclini and Martín-Barbero and the anthropologists Lévi-Strauss; Geertz ;, Siegel, Vogt and Watson; Bohannan; Durham; Couceiro, Velho and Viveiros de Castro. Among other aspects, the concept of contemporary culture, which proposes a break with the notions of elite culture, popular culture and mass culture, is the key to the reception and consumption studies of the media. the concepts of assimilationism, hybridity and multiculturalism -

when operationalized in the light of the dialogue between Anthropology and Cultural Studies. And, above all, we identified that the similarities between these approaches are characterized by the integration of macro and micro social factors in the analysis of communication processes.

KEYWORDS: Communication, Anthropology, Cultural Studies, Cultural Consumption, Reception.

1 | INTRODUÇÃO E FUNDAMENTOS DE ANÁLISE

Identificamos as aproximações entre a Antropologia e os Estudos Culturais no campo da Comunicação ao realizar pesquisa de campo acerca das apropriações e usos que povos latino-americanos fazem da televisão brasileira em regiões de fronteira. Lançando mão da abordagem dos Estudos Culturais Britânicos e Latino-Americanos para concretizar esses estudos, constatamos que encontrávamo-nos em diálogo constante com perspectivas antropológicas.

Entendemos que a abordagem da Antropologia Cultural é semelhante a dos Estudos Culturais Britânicos e Latino-Americanos principalmente porque ambas trabalham com a mesma noção contemporânea de cultura, considerando a pluralidade de categorias produtoras de significados envolvidas nos processos de comunicação¹.

Stuart Hall (1999), teórico dos Estudos Culturais Britânicos, aponta que as identidades culturais são plurais e móveis, dependendo da situação que vivemos, nossos sentimentos de pertença e diferença são acionados. Isso quer dizer que em situações diferentes, identidades culturais distintas – identidade nacional, regional, étnica, de gênero, de geração, etc. – podem prevalecer umas sobre as outras em nossos processos de interpretação da realidade e isso, por sua vez, pode refletir-se nas ações e relações sociais, bem como, no processo de recepção da televisão.

Jesus Martín-Barbero (2001) e Néstor Garcia Canclini (1996), teóricos dos Estudos Culturais Latino-Americanos, em uma perspectiva convergente, apontam que ao nos apropriarmos da televisão e ao utilizarmos os bens simbólicos que consumimos por meio dela, mediações culturais distintas – família, escola, nação, região, gênero, geração, etnia, e mesmo outros meios de comunicação – participam dos processos de recepção, também, prevalecendo umas sobre as outras, dependendo da situação em que os receptores se encontram. Isto implica a interpretação das narrativas televisivas a partir de contextos socioculturais específicos. Implica a confrontação entre as representações construídas no cotidiano com as representações construídas na televisão acerca de temas e atores sociais específicos que interessam aos receptores ou mostram-se relevantes para eles de uma forma ou outra.

Os Estudos Culturais Britânicos e Latino-Americanos são marcados pela influência da obra de Gramsci (1976) acerca de hegemonias e contra-hegemonias. A partir desta

1. Trabalho apresentado no V SIPECOM - Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação.

perspectiva, compreendemos que, geralmente, os sentidos elaborados nas narrativas televisivas são hegemônicos ou têm o potencial de tornarem-se hegemônicos no imaginário social. Entretanto, ao apropriarem-se das narrativas televisivas, os receptores podem incorporar esses significados hegemônicos ou resistir a eles, ou ainda reelaborar os sentidos em curso no processo de interpretação que realizam ao apropriarem-se e utilizarem estas narrativas em seu cotidiano.

O cotidiano dos receptores fala sobre o contexto sociocultural em que eles estão inseridos, revela o jogo identitário do qual participam, indica as representações sociais que circulam em seu imaginário. Receptores que experimentam contextos diferentes entram em contato com mediações diferentes e isso implica a diversificação do processo de recepção. Aquilo que está na televisão, em narrativas dos mais diversos gêneros, é representação da realidade e, portanto, reflete ou refrata interesses diversos. Isso tudo se evidencia e se sustenta quando realizamos pesquisa de campo para estudar os processos de comunicação.

Essa abordagem dos Estudos Culturais Britânicos e Latino-Americanos também se serve do conceito de cultura de Raymond Williams (1992). Para ele, podemos encontrar cultura em todos os espaços sociais, ela tem um caráter ordinário é definida pelo partilhamento social de significados comuns. Tanto as atividades artísticas e culturais quanto os diversos modos de vida e os próprios sistemas de significação integram o que podemos chamar de cultura ou de culturas. Portanto, para Williams (1992), cultura é um sistema de significados inter-relacionados.

O delineamento de todo esse pensamento conflui com a abordagem antropológica de cultura e com a aplicação deste conceito nos estudos dos processos de comunicação. A partir das leituras de Clifford Geertz (1978), Laura Bohannan (1968) e Claude Lévi-Strauss (1970), compreendemos que ao estudarmos a recepção da televisão em contextos socioculturais distintos é fundamental “situar-nos” (Geertz, 1978) nesses contextos específicos. A fim de identificar as estruturas de significado em curso e suas bases sociais de importância – o que podemos fazer por meio de uma “descrição densa” (Geertz, 1978) da realidade e da interpretação que os “nativos” fazem das mais diversas narrativas. Nesse sentido, do mesmo modo como a noção de “interpretação das culturas” de Geertz (1978) nos iluminou, também a teoria de Levi-Strauss (1970) sobre “a colaboração das culturas” – e as ideias que comprovou de que não existem culturas puras nem estáticas, e de que todas as culturas, em maior ou menor medida, constituem-se de forma processual a partir de relações interculturais –, teimou em se fazer presente ao longo de nossas pesquisas, revelando-se relevante e convergente com a abordagem dos estudos culturais.

Quando o antropólogo Clifford Geertz (1978, p. 13-41) nos contempla, por exemplo, com o material empírico de uma de suas pesquisas (apresentando um excerto de seu próprio diário de campo), a fim de demonstrar como o método da “descrição densa” que ele propõe é essencial para fixar o fluxo do discurso social em uma “forma inspecionável”

(Geertz, 1978, p. 29), bem como se faz necessário para desenvolver o processo interpretativo das culturas porque permite a percepção de uma “hierarquia estratificada de estruturas significantes” (Geertz, 1978, p. 17) e a análise – que para ele é “escolher entre as estruturas de significação (...) e determinar a sua base social e a sua importância” (Geertz, 1978, p. 19) – de realidades sociais caracterizadas pela diversidade cultural, ele evidencia que “o significado varia de acordo com o padrão de vida através do qual ele é informado” (Geertz, 1978, p. 24).

Com isso, entendemos que tal como nos estudos de caso retratados por Geertz (1978), entre outros estudos similares realizados por Bohannan (1968) – ambos abordam as relações entre comunicação e cultura em pesquisas de campo –, é possível observar situações que implicam questões relacionadas à comunicação intercultural. Neste tipo de cenário, em que ocorre o contato entre diferentes culturas, por meio de narrativas mediadas ou não por tecnologias, o pesquisador social tem que considerar que os discursos que ele apreende devem ser analisados considerando-se essa diversidade. Esses princípios antropológicos para os estudos das culturas e de suas relações com a comunicação, evidentemente, convergem com os princípios dos estudos culturais, uma vez que, podemos considerar que os processos de comunicação estão plasmados aos processos sociais e culturais.

Ao estudarmos o consumo de televisão brasileira por parte de argentinos, brasileiros, paraguaios e uruguaios em regiões fronteiriças, atentando para os processos de recepção – de telenovelas, telejornais, programas de variedades, programas de humor, programas de auditório, *reality shows* e propagandas – e, especialmente, debruçando-nos sobre como a televisão participa das relações sociais e culturais interfronteiriças, identificamos que a especificidade do contexto sociocultural em que nos inserimos apresenta as marcas da diversidade intermediando o processo de apropriação e uso dos bens simbólicos veiculados pela televisão.

2 | APROXIMAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS ENTRE A ANTROPOLOGIA CULTURAL E OS ESTUDOS CULTURAIS

É relevante apontar que o posicionamento epistemológico da Antropologia e dos Estudos Culturais é próximo no sentido de que em sua abordagem do objeto de estudo ambos atentam para as questões micro e macro em suas inter-relações, sem assumir *a priori* que o econômico é uma categoria produtora de significados necessariamente mais relevante do que qualquer outra como etnia, nação, região, geração, gênero, etc. De acordo com a antropóloga Eunice Durham (1984, p. 71-89), dentro da orientação antropológica é impossível relegar o universo simbólico em sua totalidade à instância da superestrutura, uma vez que ele é indissociável de qualquer prática social, inclusive a produção material, e é fundamental para sua compreensão. Para ela, o trabalho do antropólogo opera no

sentido de dissolver a separação dessas instâncias para focalizar a inter-relação dinâmica entre aspectos super e infraestruturais em práticas sociais multidimensionais. Segundo Durham (1984), a observação da infinita variedade de formas culturais de soluções diversas para os mesmos problemas afastou os antropólogos da determinação em última instância do econômico. Durham (1984) aponta também que a Antropologia considera que os conflitos e interesses de grupos e categorias sociais que não podem ser reduzidos ao macroenfrentamento das classes também são relevantes, e que no estudo dos processos culturais em nossa própria sociedade é preciso incorporar a dimensão política que esses fenômenos assumem na moderna sociedade de classes.

É de modo semelhante que David Morley (1996, p. 402) caracteriza a orientação dos Estudos Culturais a partir de sua leitura de Stuart Hall, considerando os processos de comunicação como objeto de estudo:

O objetivo não é substituir um nível de análise (micro) por outro (macro) mas sim integrar a análise das questões gerais da ideologia, poder e política (que Hall (1988a) definiu como a dimensão vertical das comunicações) com a análise do consumo, dos usos e das funções da televisão na vida cotidiana (a dimensão horizontal das comunicações, segundo as palavras de Hall).

Além disso, embora não se limitem a esse aspecto na abordagem de seus objetos de estudo, tanto a Antropologia quanto os Estudos Culturais estudam as relações interculturais considerando as relações de poder, ou seja, atentam para as estratégias de domínio e de resistência entre diferentes sociedades ou no interior de uma mesma sociedade, revelando a dimensão política do jogo das identidades. A Antropologia o fez denunciando o eurocentrismo na segunda metade do séc. XX e estabelecendo uma postura crítica em relação a todo tipo de etnocentrismo, revelando ainda que as culturas não desaparecem diante dos avanços homogeneizadores e muitas vezes opressivos de outra cultura, resistindo de diversas formas, mesmo que incorporem determinados aspectos dela. Os Estudos Culturais Britânicos e Latino-Americanos, por sua vez, fazem isso apropriando-se da proposta de Gramsci para estudar hegemonias e contra-hegemonias.

3 | ELITE, POPULAR E MASSA

É relevante apontarmos ainda que, quanto à classificação das culturas como de “elite”, “popular” ou de “massa”, um tema que foi objeto de análise crítica da Antropologia e dos Estudos Culturais, é preciso dizer que de acordo com os antropólogos Gilberto Velho e Eduardo Viveiros de Castro (1978, p. 13-26), a distinção que se costuma fazer entre cultura erudita e cultura popular ou, em certos casos, de massa, é a de que haveria uma diferença qualitativa entre esses tipos. Eles (Velho e Viveiros de Castro, 1978, p. 20) destacam que no caso da cultura de massa, seu valor é geralmente bastante contestado do ponto de vista qualitativo, em decorrência do seu potencial “barateador e vulgarizante” – o que eles

consideram uma “classificação carregada de julgamentos de valor, e até, de preconceitos” –, e no caso da cultura popular, as análises fundadas nessa separação podem cair numa posição inversa e passar a valorizá-la como “mais autêntica” ou “mais pura, principalmente quando tida por intocada e não contaminada”, em contraposição à cultura de elite, que seria considerada “artificial”, “inautêntica” e “decadente”. Ao fazerem essas considerações sobre que tipo de rumo o debate sobre a cultura em termos de qualidade e hierarquia pode tomar, os autores reiteram que “de uma forma ou de outra polariza-se a classificação” e com isso “fica-se no nível do estereótipo”. Velho e Viveiros de Castro (1978, p. 20-21) consideram ainda que:

A categoria *popular* é muito pouco precisa em termos sociológicos e pressupõe uma homogeneidade que está longe de ser comprovada nos estudos existentes sobre camponeses, operários, camadas médias baixas ou outros segmentos e setores que pudessem ser incluídos nessa classificação.

Assim como apontam que:

(...) falar em elite pressupõe um monolitismo das camadas mais altas da sociedade que poderia colocar na mesma categoria grandes proprietários rurais, alta burguesia, oficiais gerais, setores da *intelligentzia*, administradores, etc. Embora obviamente existam aspectos comuns e mesmo interesses políticos em determinados momentos coincidentes, isto está longe de constituir categorias explicativas para a compreensão da lógica da produção simbólica na sociedade.

Sendo assim, eles atestam que “a oposição elite *versus* povo em termos de cultura é muito vaga e pouco precisa”. E quanto à cultura de massa, os autores apontam que sua própria definição e limites são altamente problemáticos e questionam com pertinência (Velho e Viveiros e Castro, 1978, p. 20):

Como distinguir na sociedade urbana industrial, uma cultura que de alguma forma não seja de massa? Evidentemente existem segmentos da sociedade mais vinculados ou mais exclusivamente vinculados a certos meios de comunicação de atuação mais ampla mas, por exemplo, o consumo de discos de música erudita ou de livros, por mais esotéricos ou refinados os seus assuntos, não está também dentro da lógica da sociedade industrial de consumo?

Com isso, depreendemos que podemos assumir que as produções culturais de todas as culturas e sociedades devam ser consideradas em sua relevância nas relações interculturais. Entretanto, é preciso atentar para quais desses segmentos detêm os meios de comunicação de massa e como as produções simbólicas veiculadas neles refletem os interesses de um ou outro grupo, bem como refratam os interesses de outros, assim como é preciso considerar como se dá o acesso de todos os grupos às produções simbólicas dos meios de comunicação de massa, e ainda, a partir das possibilidades de acesso, considerar como se desenvolvem as apropriações e usos dessas produções simbólicas

em cada contexto cultural – algo no que os pesquisadores da Antropologia e dos Estudos Culturais colaboram para facilitar a compreensão. Até porque, tal como Velho e Viveiros de Castro ressaltam (1978, p. 22):

Sahlins argumenta que na sociedade capitalista ocidental as relações de produção constituem o principal foco de manifestação da produção simbólica mas isto não deve implicar em uma forma de reducionismo que desconheça as mediações como o fato de que outros focos existem e podem ser decisivos e determinantes em várias situações e momentos da vida social.

Velho e Viveiros de Castro (1978, p. 21) atestam ainda que “essas tentativas de hierarquização representam uma possibilidade de retrocesso”. Nesse sentido, tal como compreendemos, tanto de acordo com a Antropologia – “uma das grandes conquistas da Antropologia” foi justamente ter criticado o etnocentrismo e ter direcionado esforços para “procurar captar o ponto de vista do outro” –, quanto de acordo com os Estudos Culturais – que também tentaram ultrapassar as oposições convencionais entre cultura popular, de elite e de massa, fundadas na apreciação qualitativa forjada ao longo do processo histórico –, o que Velho e Viveiros de Castro apontam é bastante pertinente. Além disso, os autores atentam ainda para o fato de que “é preciso analisar as relações entre os grupos sociais e suas produções simbólicas”, resgatando assim, conforme depreendemos, a dimensão política da cultura, as ideologias em curso.

Sendo assim, ao concretizarmos a construção e a análise de nossos dados, nos apropriamos dessas perspectivas convergentes entre a Antropologia e os Estudos Culturais a fim de não fazermos classificações qualitativas tanto em relação às produções simbólicas que podem estar sendo geradas nos contextos fronteiriços em que nos inserimos, quanto em relação às produções simbólicas de origens diversas que são consumidas pela nossa amostra – de modo que não trabalhamos com o conceito de cultura em termos do que pode ser considerado como “de elite”, “popular” ou “de massa” –, embora interessem as manifestações de relações de poder que se configuram nesses cenários, sejam elas de caráter político, econômico ou outro. Tendo em vista que nossa proposta é estudar o papel de um meio de comunicação de massa, a televisão, na articulação das identidades culturais em regiões fronteiriças, atentamos principalmente para as narrativas brasileiras que são consumidas por argentinos, paraguaios, uruguaios e brasileiros, considerando como as representações televisivas construídas nelas refletem ou refratam a realidade do jogo identitário que se desenvolve entre esses povos nas fronteiras, reforçando ou não as identidades construídas por eles e as atribuídas por uns em relação aos outros.

4 | MULTICULTURALISMO, ASSIMILACIONISMO E HIBRIDISMO

Do ponto de vista cultural, é preciso reiterar que os países que se caracterizam como multiétnicos (como o Brasil e o Estados Unidos, por exemplo) acabam desenvolvendo

projetos políticos também fundamentados em ideologias para dar conta da diversidade cultural que configura essas sociedades. Tal como já apontamos, o modelo que se desenvolveu no Brasil é o *assimilacionista* ou *melting pot*. De acordo com Couceiro (1998, p. 15-18), esse modelo prega a integração entre grupos, a mistura cultural e a diluição das diversidades numa única identidade – pelo que depreendemos, a identidade nacional brasileira. Ainda segundo Couceiro (1998, p. 15-18), no início do século XX esse modelo vigorava também nos Estados Unidos da América, quando lá predominava a imigração europeia anglo-saxã. Entretanto, o modelo deixava de lado os descendentes de escravos africanos, tanto que até a década de 60 eles não tiveram plenos direitos de cidadania, e nos estados do sul existiu inclusive um regime de segregação racial.

Couceiro (1998, p. 15-18) aponta também que foi nos anos 60 do século XX que a sociedade americana questionou esse modelo em decorrência da luta pelos direitos civis dos negros, do reconhecimento dos indígenas nativos da América do Norte e do aumento da imigração não europeia nos Estados Unidos. Com isso, originou-se naquela sociedade o modelo *multiculturalista*, de acordo com o qual é válido não desfazer-se de sua própria cultura nas relações interculturais que vicejam num país multiétnico. A proposta é a de que se dê a devida importância para a pluralidade de culturas (que se ouça a pluralidade de vozes) que compõem cada sociedade, ampliando inclusive o conhecimento sobre elas a fim de que sejam entendidas para além dos estereótipos que costumeiramente são utilizados para defini-las.

De acordo com Couceiro (1998, p. 15-18), o modelo multiculturalista pode se manifestar de duas formas, o que a autora chama de *multiculturalismo pluralista* – no qual a sociedade pode refletir sua diversidade porque esse modelo permite a cada grupo escolher entre manter suas diferenças em relação à sociedade da qual participa ou incorporar-se a ela; nesse caso, a opção é do grupo e não do Estado, e nesse sentido, a autoestima dos diversos grupos deve ser incentivada, mas não em detrimento de uma cultura comum que também é enriquecedora –, e o que ela chama de *multiculturalismo particularista* – que pode fomentar os etnocentrismos porque restringe o grupo étnico às suas tradições, despreparando-o para influir e participar das relações de poder, a fim de combater, por exemplo, nos Estados Unidos, uma cultura anglo-saxã considerada eurocêntrica e hostil aos não descendentes dela.

No caso do Brasil, de acordo com Couceiro (1998, p. 15-18), é a partir da década de 80 do século XX que começam a vicejar as reivindicações dos grupos raciais e étnicos cerceados ao longo do processo histórico da plena participação nas esferas sociais, políticas e econômicas do país. Entretanto, ela atenta para ao fato de que no Brasil as “iniciativas de reconhecimento oficial da diversidade” não são aceitas com facilidade e ainda que “há dificuldade de vingar práticas pautadas pelo multiculturalismo” por causa da predominância do modelo assimilacionista no país.

Além do conceito de *assimilacionismo cultural*, contextualizamos também o que implica o conceito de *multiculturalismo*, para distingui-lo do conceito de *hibridismo cultural*, uma vez que para compreender as relações interculturais na contemporaneidade é preciso reconhecer as diferenças entre esses três modelos. Assim como para a concretização de nossa tese, isso porque consideramos a diversidade étnica das fronteiras que nos propomos a estudar como categoria produtora de significados relevante nos processos de comunicação.

Néstor Garcia Canclini considera que as culturas contemporâneas se caracterizam como *híbridas*. De acordo com o que depreendemos, Canclini (1990, p. 265) atenta com pertinência para a intensificação da comunicação intercultural promovida principalmente com o aumento das “redes nacionais e transnacionais de comunicação”, e ele identifica que é especialmente numa “trama” cada vez mais “urbana” que o “local” dispõe de uma “oferta simbólica heterogênea”, em decorrência da constante “interação” com essas redes de comunicação. Nesse sentido, além de nos oferecer diversos exemplos relevantes de pesquisa de campo ao longo de sua obra – que retratam a comunicação intercultural contemporânea, inclusive mediada pelos meios de comunicação de massa –, Canclini (1990, p. 16) ainda aborda os conceitos de “culto”, “popular” e “massivo” de modo pertinente, quando relativiza-os do ponto de vista da apreciação e da estética, criticando qualquer separação que se configure de modo hierarquizado e fixo.

Ao atentar para essas questões, entre outras, Canclini entende que o que está em curso na contemporaneidade são os processos de *hibridização*, ou seja, “a quebra e a mescla dos grupos que organizam os sistemas culturais” (Canclini, 1990, p. 264). Quando Canclini põe em evidência as mesclas ou as misturas, ele não se refere apenas ao aumento da mobilidade social em todas as suas dimensões ou a alguns traços e costumes característicos de uma cultura que acabam sendo partilhados por (alguns ou vários) indivíduos de outra. Tal como depreendemos, ele está se referindo ao surgimento de uma síntese, a própria fusão de culturas, tanto que quando ele nos explica porque escolheu o termo *hibridismo* para caracterizar a realidade contemporânea, ele enfatiza que este abarca tanto a *mestiçagem* quanto o *sincretismo*, entre outras manifestações de síntese ou fusão. Canclini (1990, p. 14-15) afirma que:

Se encontram ocasionais menções aos termos *sincretismo*, *mestiçagem* e outros empregados para designar processos de *hibridização*. Prefiro esse último porque abarca diversas mesclas interculturais – não só as raciais às quais se limita ‘mestiçagem’ – e porque permite incluir as formas modernas de hibridização melhor do que ‘sincretismo’, fórmula referida quase sempre a fusões religiosas ou de movimentos simbólicos tradicionais.

Com isso, depreendemos que seu conceito de *culturas híbridas* se aproxima do de *fusão cultural*. De acordo com Siegel, Vogt e Watson (1969, p. 1-19), a *fusão cultural* é um dos fenômenos possíveis de se observar nos processos de aculturação e ocorre quando

“a trama intercultural pode dar origem a um terceiro sistema sociocultural genuíno” (1969, p. 14). De acordo com os autores, esse sistema terá que exibir atributos de unicidade e autonomia a partir dos sistemas que o geraram; também é esperado que nele surjam papéis originais e, talvez, até uma nova instituição. Segundo o que os autores (Siegel, Vogt e Watson, 1969, p. 1-19) apontam, esse novo sistema provavelmente só se concretizará com o desaparecimento daqueles que o originaram por meio da fusão.

Assim, os processos de fusão tendem a apagar os contornos originais das culturas – do contrário, elas não conseguiriam produzir um “sistema sociocultural genuíno” com contornos suficientemente nítidos para se manter autonomamente. Por sua vez, Canclini (1996) considera, em sua obra, a relevância da pluralidade de categorias de significados que medeia a realidade contemporânea, bem como as tensões geradas por elas na atualidade. Entretanto, ele o faz sublinhando a diminuição das diferenças culturais ao longo do processo de *hibridização*, apontando as *mesclas* como *saída* para os conflitos e contrastes que se delinearam historicamente nas relações interculturais. Entendemos portanto que o *hibridismo*, tal como a *fusão cultural*, implica em algum momento a dissolução das tensões, das oposições e das diferenças próprias da complexidade social e da heterogeneidade cultural que caracterizam a realidade contemporânea.

Nossa constatação também é convergente com o que Hall (1999) entende por hibridismo. Quando se propõe a discutir o tema, Hall (1999, p. 91) caracteriza o *hibridismo* como um processo de *fusão cultural*:

Algumas pessoas argumentam que o ‘hibridismo’ e o sincretismo – a fusão entre diferentes tradições culturais – são uma poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de cultura (...). Outras, entretanto, argumentam que o hibridismo (...), também tem seus custos e perigos.

Assim, compreendemos que enquanto o *assimilacionismo* se diferencia do *multiculturalismo* porque o primeiro propõe a diluição da diversidade cultural, de modo que uma única identidade se sobreponha às outras – por exemplo, quando a cultura nacional se sobrepõe às identidades étnicas ou às culturas regionais –, o segundo, em seu caráter *pluralista*, se caracteriza pela preservação das diferenças culturais (étnicas, regionais, etc.), sem no entanto deixar de lado a cultura que é partilhada entre os diversos grupos que participam da vida social (que pode ser, por exemplo, a cultura nacional). No caso do *hibridismo*, entendemos que ele se diferencia do *multiculturalismo* porque o conceito de *culturas híbridas* se aproxima do de *fusão cultural*, e nesse tipo de processo e de proposta as identidades culturais não são preservadas (sejam elas étnicas, nacionais, regionais, ou outras) – isso porque as culturas se misturariam configurando algo novo: o resultado da fusão entre culturas. Nesse caso, atentamos ainda para o fato de que o *hibridismo* também se distingue do *assimilacionismo*. Ainda que ambos impliquem a diluição da diversidade cultural, no *assimilacionismo* uma identidade se sobrepõe às outras e no *hibridismo* as culturas se fundem em algo novo.

Uma vez estabelecidas as principais diferenças entre *multiculturalismo*, *hibridismo* e *assimilacionismo*, aproveitamos para apontar que é comum identificar a utilização dos termos “híbrido” e “multicultural” simultaneamente para caracterizar regiões de fronteira em pesquisas de comunicação. Mas, é preciso revisar essa caracterização porque tanto a fronteira Argentina-Brasi quanto as fronteiras Paraguai-Brasil e Uruguai-Brasil, que também estudamos, se caracterizam como contextos em que é possível observar a preservação das diferenças entre as identidades, embora encontremos traços e costumes característicos de uma cultura que são igualmente cultivados por pessoas que se sentem pertencendo a outra.

Nos três casos, identificamos o sentimento de pertença a uma mesma região, com as características específicas que participam da formação de cada uma dessas fronteiras compondo a memória dos fronteiriços e configurando uma identidade regional fronteiriça. Ao mesmo tempo, o sentimento de pertença a diferentes nações, e as características específicas que as formaram, podem ser percebidas participando da memória de brasileiros, uruguaios, argentinos e paraguaios, configurando suas respectivas identidades nacionais. Entre outras questões relativas ao jogo identitário que abordaremos ao longo dessa tese, foi possível observar em alguns casos o sentimento de pertença à identidade étnica gaúcha sendo compartilhado por fronteiriços de nacionalidades diferentes, assim como, em algumas situações, pudemos perceber como se articulam as relações de identidade e alteridade dos fronteiriços que participaram de nossa amostra com os descendentes de árabes e orientais que também fazem parte dessas realidades fronteiriças.

Ocorre que o jogo entre as *identidades culturais* nas fronteiras que estudamos é *situacional*, tal como Stuart Hall (1999) utiliza o conceito. Dependendo das situações vividas no cotidiano, é possível observarmos as identidades nacionais sendo colocadas em evidência em detrimento das outras; entretanto, mesmo diante da tendência *assimilacionista* das culturas nacionais, elas nem sempre são mais relevantes do que as outras no jogo identitário. Assim como, dependendo da situação que se apresenta à amostra, é o sentimento de pertença à mesma região fronteiriça (identidade regional ou fronteiriça) que pode ser percebido em evidência, em detrimento das outras identidades. Em outras situações ainda, dependendo da formação de cada região, é o sentimento de pertença à identidade étnica gaúcha que é colocado em evidência, em detrimento das outras identidades, e assim por diante.

O fato de termos identificado tanto uma pluralidade de identidades diferenciais, quanto uma intensa mobilidade entre elas em nossos estudos de caso, não significa que os contornos culturais tenham desaparecido ou necessariamente venham a desaparecer num processo de *fusão cultural* ou *hibridização* – sustentamos isso mesmo quando esses contornos são tênues, como no caso do que é pertinente à etnia gaúcha e o que é pertinente à formação específica de cada região de fronteira. Assim, os contextos que estudamos se assemelham ao que o conceito de *multiculturalismo pluralista* procura dar conta.

O que não significa que as relações entre os diversos grupos que participam do contexto fronteiriço (que se diferenciam em termos de etnia, nacionalidade, etc.) seja harmônica ou ausente de tensões (que se manifestam de diversas formas), tal como fazemos uso do conceito, e que na intensa comunicação intercultural que pode ser observada nesses cenários, não existam traços e costumes conhecidos como característicos de uma cultura sendo cultivados por pessoas que se consideram pertencentes a outra, tal como sinalizamos. De modo que, o consumo comum de narrativas televisivas brasileiras por paraguaios, uruguaios, argentinos e brasileiros deve ser estudado à luz desse jogo entre as identidades que se dá em contextos caracterizados pela multiculturalidade porque, tal como constatamos em campo, as representações televisivas configuradas nessas narrativas podem refletir ou refratar os interesses desses diversos grupos. E os contornos culturais deles se manifestam nas apropriações e usos que fazem delas. Assim, ocorre a diversificação na produção sentidos de acordo com a pluralidade de categorias de significados em curso no cotidiano fronteiriço.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contextos fronteiriços em que nos inserimos para estudar os processos de comunicação no âmbito da recepção, e com o objetivo de verificar o impacto da televisão brasileira na construção de representações sociais e na articulação de identidades culturais que se dá entre povos latino-americanos há cerca de quatro décadas de consumo comum de televisão brasileira, constituem-se como espaços de comunicação intercultural intensa.

Quanto mais mergulhamos no jogo entre as identidades culturais que se desenvolvem nessas fronteiras, mais o consideramos situacional. Dependendo das representações construídas nas narrativas televisivas, e das apropriações e usos que os fronteiriços fazem delas, a televisão brasileira colabora para imprimir às relações entre eles um caráter de identificação ou de alteridade, ora sublinhando as identidades nacionais, ora reforçando a identidade regional ou fronteiriça.

Constatamos também que a televisão brasileira colabora para aumentar ou diminuir a sociabilidade inter-fronteiriça, por vezes, contribuindo para imprimir a essas relações um caráter de aproximação ou de distanciamento, e em alguns casos, cooperando para imprimir a elas um caráter de solidariedade ou de conflito.

Neste artigo, não tivemos o propósito de detalhar nossos achados de campo, quisemos sim apresentar parte da confluência teórica que permitiu a realização e a interpretação desta pesquisa. Os autores e conceitos que mobilizamos em campo, e que colocamos em diálogo, nos permitiram compreender, sobretudo, que há aproximações interessantes e coerentes entre a Antropologia e os Estudos Culturais. E que este diálogo possível é pertinente e desejável para fertilizar os estudos dos processos de comunicação.

Sem dúvida, não pretendemos esgotar o tema ao longo deste texto, mas consideramos importante pontuar que as relações entre comunicação e cultura estão plasmadas nos processos culturais e sociais. E que ainda há muito o que se aprender com as abordagens convergentes dos Estudos Culturais e da Antropologia, quando aplicadas ao objeto da Comunicação.

REFERÊNCIAS

- BOHANNAN, L. (1968) *Shakespeare in the bush*. In: DUNDES, A. (org.). *Every Man his Way. Readings in Cultural Anthropology*. Englewood Cliffs: Prentice Hall.
- CANCLINI, N. G. (1990) **Culturas Híbridas**. México: Grijalbo.
- CANCLINI, N. G. (1996) **Consumidores e Cidadãos**. Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- COUCEIRO DE LIMA, S. M. (1998) **Multiculturalismo**. In: Revista Comunicação e Educação, n. 2, p. 15-18, Setembro-Dezembro. São Paulo: USP.
- DURHAM, E. R. (1984) **Cultura e Ideologia**. In: *Revista de Ciências Sociais*, Vol. 27, n. 1, p. 71-89. Rio de Janeiro: IUPERJ.
- GRAMSCI, A. (1976) **Maquiavel, a política e o Estado moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- HALL, S. (1999) **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1970) **Raça e História**. In: Vários autores (orgs.) *Raça e Ciência*. Volume 1, p. 231-269. São Paulo: Perspectiva.
- MARTÍN-BARBERO, J. (2001) **Dos meios às Mediações. Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- MORLEY, D. (1996) *Televisión, audiencias y estudios culturales*. Buenos Aires: Amorrortu editores.
- SIEGEL, VOGT e WATSON. (1969) **Acculturation: An Exploratory Formulation**. In: *The Social Science Research Council Summer Seminar on Acculturation. American Anthropologist*. Vol. 54, n. 6, Part I, p. 973 a ii5, 1954. In: Hirscheberg I.; Trench, S. (tradução) e Mussolini, G. (revisão). São Paulo: Centro Superior de Pesquisas e Estudos Sociais (CESPES).
- VELHO, G. e VIVEIROS DE CASTRO, E. B. (1978) **O Conceito de Cultura e o Estudo de Sociedades Complexas**. In: *Artefato, Jornal de Cultura*, ano I, n. 1. Rio de Janeiro: Conselho Estadual da Cultura.
- WILLIAMS, R. (1992) **Cultura**. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração Municipal 225

Agenda para el Desarrollo Municipal 225, 226, 227, 228, 229, 230

Análise do Discurso 53, 54, 55, 69, 186, 195

Antropologia 55, 173, 174, 176, 177, 179, 184, 185, 245, 246

Aprendizagem 41, 84, 85, 87, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 247, 248, 249, 250, 255, 256

Arrependimento 144, 151, 153

Ateliê Biográfico de Projeto 93, 94, 95, 97, 99, 101

C

Competência Profissional 113, 116, 120

Comunicação 17, 37, 39, 42, 54, 71, 73, 77, 105, 116, 142, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 165, 166, 167, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 183, 184, 185, 188, 189, 193, 194, 242, 250

Consumo Cultural 173

Corrupção 144, 145, 146, 148, 149, 150, 152

D

DCNEM 103, 107, 108, 109, 111

Desarrollo 209, 210, 211, 213, 215, 216, 218, 221, 222, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 230

Direito 20, 21, 23, 24, 27, 45, 67, 91, 101, 118, 134, 135, 146, 147, 153, 194, 196, 197, 199, 200, 201, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 238

E

Educação Judaica 133

Ensino Médio Politécnico 103, 107, 110, 112

Epistemologia 2, 104, 155, 156, 159, 161, 163, 165, 167, 170, 171

Escalas de Wechsler 126, 128

Espaço 4, 19, 22, 23, 24, 27, 31, 33, 36, 37, 46, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 84, 85, 87, 91, 99, 105, 119, 120, 135, 136, 138, 158, 168, 172, 191, 203, 242, 246

Estudos Culturais 74, 82, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 184, 185

Evaluación 48, 225, 226, 227, 228, 229, 230

F

Feminilização 40, 42, 43, 44, 45, 46, 49
Feminismo Negro 50, 55, 69
Feminização 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49
Formação Docente 46, 85, 93, 100, 113, 114

G

Gênero 19, 21, 28, 39, 40, 48, 69
Gênero Biográfico 19, 21, 22
Gênero Feminino 19, 21

I

Identidade 113, 133, 195
Identidade Profissional 113, 114, 123
Imaginário-Discursivo 1, 6, 9, 10, 16
Imposto 144, 146, 148, 151, 153
Indicadores 48, 210, 225, 226, 227, 229
Inteligência 37, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 137
Interdisciplinaridade 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112
Interseccionalidade 27, 45, 50, 53

J

Jongo 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82

L

LDB 103, 107, 108, 109, 111, 114
Litoral Norte de Maceió 231, 232, 239, 242, 244

M

Memória 22, 28, 33, 74, 80, 81, 82, 91, 96, 97, 128, 133, 134, 136, 139, 183, 237, 239, 246
Metodologia 2, 1, 94, 95, 112, 247
Metodologia Rizomática 1, 9, 16
Mídia 142, 157, 158, 165, 167, 168, 171, 172, 186, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 195
Militância 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 64, 68

N

Narrativas 1, 39, 45, 46, 48, 93
Narrativas de Si 1

Negritude 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 64, 81

P

Patrimônio Cultural 72, 80, 231, 233, 236, 237, 238, 239, 240, 242, 244, 245, 246

PCNEM 103, 107, 108, 109, 110, 111

Pedagogia LGBT 1

Política de Preservação 231, 233, 241, 245

Políticas Públicas 40, 46, 48, 119, 142, 172, 188, 198, 203, 206, 209, 236, 240, 245

Produção de Sentidos 186, 187, 195

Propriedade Intelectual 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 205, 206, 207

R

Recepção 1, 156, 173, 174, 175, 176, 184, 189

Recursos Naturales 209, 211

S

Saúde 26, 47, 59, 149, 152, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 244

Seguridad 209, 216, 217, 218, 223, 227

T

Testes de Inteligência 126

Transdisciplinaridade 1, 105, 108, 111

EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 